

## Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.  
com estampilha..... 600 rs.  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração  
Rua d'Arruella, n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

## Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs.  
a linha.  
Annuncios e comunicados, a 50 rs.  
linha.  
Repetições ..... 25 rs linha.  
Annuncios permanentes 5 »  
Folha avulso..... 40 reis

Séde da imprensa  
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto

## O POVO D'OVAR

## LÁ E CÁ

Os jornaes deram noticia da scisão do partido regenerador do Porto, provocada pelo sr. José Moreira da Fonseca.

O chefe regenerador d'aquella cidade, sem consultar o respectivo centro, dispoz da votação do partido e escolheu, d'accordo com os progressistas, os candidatos que por alli deviam ser propostos. Depois, com arrogancia d'um antigo mandão, declarou ao centro reunido que havia de manter, a-travez de tudo, essa sua resolução, fosse qual fosse o sentir dos seus correligionarios alli reunidos.

Então a gente nova do partido revoltou-se e protestou contra o acto de despotismo do seu chefe. Rompeu sem mais delongas o accordo e propoz lutar com candidatos seus.

As imposições não se toleram hoje, sem que os subordinados fiquem completamente desprestigiados.

Todos aquelles, que teem competencia, querem ser ouvidos, discutir e resolver. A educação constitucional impõe uma barreira insuperavel aos mandados impostos por qualquer, embora se fundem em grande influencia pessoal.

Por isso ao sr. José Moreira da Fonseca succedeu o mesmo que a todos os mandões, que o partido regenerador tem espalhados por esse paiz fóra. Cahiu, viu-se completamente abandonado.

A educação politica fontista, depois copiada pelo fallecido Lopo Vaz havia creado na provincia os chefes absolutos, ás ordens de quem trabalhavam os diversos influentes locais.

Eram esses chefes que se batiam com os centros progressistas democraticamente organizados. Os regeneradores de Lisboa cumillavam-os de favores, permitidos pelo fomento material, que fontes desenvolveu e pelos despachos successivos de empregados publicos a que constantemente dava logar o augmento dos quadros.

Esses chefes envelheceram, e não comprehendiam a mudança que se fazia no regimen eleitoral volvidos 15 ou 18 annos. Por isso tornaram-se em vez d'um auxilio do partido, um elemento de desordem. Não auxiliavam, prejudicavam.

As circumstancias mudaram ainda com a impossibilidade de corromperem pelos velhos processos dos empregos.

Precisavam por tanto de se apoiar somente na sua sympathia pessoal e na energia e enthusiasmos dos seus correligionarios.

Mas educados n'um meio diferente, preferiram conservar-se nos velhos processos. D'ahi a enor-

me derrotada que o partido regenerador está soffrendo em toda a parte, servindo-lhe de empecilho ao seu desenvolvimento os velhos mandões.

O que succede agora no Porto foi já ha dois annos feito no nosso circulo e concelho.

A gente nova d'aqui quiz organizar um centro, para que se congregassem as forças dispersas e se incutisse animo ás tropas descoroçoadas.

Pouco exigia, mas esse pouco foi o bastante para escabriar o sr. Aralla, que só pensa na sua importancia pessoal. E' que o sr. Aralla estava accostumado a dizer só á ultima hora quem havia de ser eleito para os cargos, qual o candidato que o seu partido proporia em determinada eleição. Poderia saber se lá fora qual o rumo que a lucta eleitoral tomava, mas os seus correligionarios nunca saberiam qual o terreno que pisavam.

Este procedimento do chefe regenerador varen repugnava visivelmente a todos, porque ninguém pretende hoje ser escravo. Marchar ás ordens absolutas e indiscutíveis d'outro, sabendo muitas vezes que trilha um caminho errado, não se admite.

Demais o sr. Aralla nas eleições de 1885 havia dado uma prova provada de que era incompetentissimo para ser chefe quando a lucta se tornasse agreste.

Por isso se impunha a criação d'um centro.

Oppondo-se, o sr. Aralla abriu a scisão de que está colhendo os verdadeiros e sasonados fructos.

Mas ainda não ha de parar aqui a sua queda.

Ainda depois da scisão alguns homens ficaram com o sr. Aralla, que continuou no antigo processo. Ora esses, que trabalharam comnosco na criação do centro, poderão continuar a supportar a tutela absoluta do chefe que para nada os consulta na lucta em que andam empenhados?

Não virá longe o dia em que mesmo esses o abandonem.

Não correm bem os tempos para os mandões.

## POLITICA LOCAL

Seguindo a procissão das victimas, apparece-nos de frente para entoar hymnos ao sr. Aralla um outro seu amigo, o fallecido João da Costa Laborim.

João Laborim vivia no Douro negociando.

O sr. Aralla precisou d'elle para desfazer a companhia de pesca da Senhora da Saude. Obrigou, por isso, a formar com outros socios, entre elles o arraes Janeiro, a companhia da Baromba.

Toda a gente dizia que a companhia da Baromba era propriedade do sr. Aralla e que os homens convidados para a administrar, como João Laborim seriam a final retribuidos. Talvez João Laborim pensasse n'isso, porque de certo não abandonaria, em caso contrario, os seus negocios do Douro, nem arriscaria a sua modesta fortuna em sociedade de futuro tão incerto.

Os negocios da companhia começaram a correr mal, porém a primeira safra ainda não deu grande prejuizo. Logo o sr. Aralla declarou que não mais se importava com a companhia.

Tres razões havia para isso—1.º não tinha conseguido o seu fim principal, desfazer a companhia da Saude;—2.º via que da Baromba não tirava lucro algum;—3.º João da Costa Laborim já não podia voltar para o Douro e por isso o tinha aqui ás suas ordens.

Ora a presença de João Laborim não era insignificante; porque elle tinha fama de valentão e podia ser aproveitado para as eleições, como effectivamente o foi nas de 1880 e 1884.

A companhia da Baromba foi de mal a peor. Esgotou a fortuna de todos os socios Mellos, Janeiro e Laborim, e, para a sustentar no ultimo anno da escriptura, viu-se o sr. Aralla obrigado a adiantar algumas sommas. Comtudo para não ficar só metteu com seu cyrino e o sr. José d'Oliveira Vinagre, que, sem no negocio ter responsabilidade directa, abonou metade dos prejuizos.

Final a companhia liquidou-se e o sr. Aralla ficou ainda com o armazem da Baromba, que vendeu por um preço rasoavel.

E João Laborim? Esse reduzido á miseria andava por ali ás maças do chão, como se costuma dizer.

Entretanto ao sr. Aralla não convinha que todos os dias apparecesse em sua frente esse espalho vivo dos seus actos e da sua politica. Incapaz de o auxiliar pecuniariamente, tratou de o affastar de si ao mais breve possivel.

Arranjou ao seu amigo, passagem gratuita para Africa, como colono do governo e lá foi morrer ao completo abandono em paragens inhospitas o homem, que, para servir o sr. Aralla, abandonou o seu negocio e vendeu os seus bens e ficou reduzido á extrema miseria.

Não é verdade que o sr. Aralla, como se dizia na ultima epistola, é amigo dos seus amigos e capaz de se sacrificar por elles?

O arraes Janeiro teve quasi a mesma sorte.

Engodado pelas promessas, lá foi para a Baromba. Mas logo ao segundo anno via a sua casita hypothecada ao sr. Aralla, porque a segunda safra deu prejuizo. Ora este homem estava longe de pensar que, quasi no fim da sua vida, o embrulhariam em ne-

gocios de semelhante responsabilidade.

Mas não é só isso. A companhia da Baromba, segundo o uso e costume das outras companhias de pesca, deixou de pagar o imposto do pescado. Com tudo para que no futuro o imposto estivesse liquidado, caso a Fazenda Nacional o pedisse, foi sempre tirado em contas e depositado na mão do procurador ou senhorio da companhia, embora na responsabilidade civil estivesse o arraes, sempre réo nas acções propostas pelo delegado do procurador régio contra as companhias de pesca.

Do producto imposto do pescado, de que é responsavel, perante o tribunal, o arraes Janeiro está de posse o sr. Aralla—importancia excedente a 80\$000 reis.

Que direito tem o sr. Aralla ao embolso de semelhante quantia sem pagar juros alguns e sem que no futuro tenha responsabilidade pelo seu pagamento?

Nenhum; e apesar d'isso não o apresenta quer á Fazenda Nacional, quer ao unico responsavel para com o governo—o arraes Janeiro.

Isto são insignificancias, não é verdade?

Mas não é certo que o sr. Aralla só se sabe sacrificar pelos amigos?

Ha dez annos, 80 ou 90 mil reis a vencer juros de 5 por cento, ainda não é, coisa para desprezar.

Enfileiremos factos, já que não quereamos explorar escandalos.

A questão dos syndicatos precisa de ter uma resposta, e nós promettemos responder á letra. Deixemos por enquanto a historia das expropriações e vamos á questão de petroleo.

Por annos e annos se gastou o petroleo para a illuminação publica d'uma só casa d'esta villa.

Porque preço se fornecia o petroleo para a illuminação, sr. Aralla?

Dizem-no claramente as contas que na secretaria da camara se acham archivadas.

O fornecimento do petroleo aos almudes é precisamente o mesmo porque se vende aos meios quartilhos ou meios litros? E ainda era pelo preço dos meios litros o que o sr. Joaquim Ferreira da Silva o vendia á camara?

Porque é que o sr. Aralla nem um só anno poz a concurso o fornecimento do petroleo, sabendo que o podiam fornecer mais barato?

Responda o sr. Aralla precisamente a isto e depois accuse-nos de syndicatos se é capaz!

Não é de tão pequena importancia como á primeira vista parece um tal fornecimento. Regula ainda por alguns centos de mil reis em cada anno a despeza com a illuminação publica e n'esta a verba de petroleo é a mais consideravel.

A economia, que se poderia obter para o municipio, impunha-se a quem quizesse ou soubesse fazer uma administração cuidada.

Se é por estes e outros actos identicos que o sr. Aralla affirma que se sacrificou pelos amigos, accoitamos a affirmativa. Mas o sr. Aralla é que não tinha direito a sacrificar-se pelos seus amigos com as coisas do municipio, embora o seu nome não sahisse illeso de tal sacrificio.

Bem sabemos que agora o sr. Aralla está colhendo os fructos d'esses actos. Vallega tem-lh'o demonstrado por duas vezes: a villa demonstra-lh'o todos os dias.

E é, apresentando-se com tal bagagem que o sr. Aralla affirma que ha-de vencer a eleição?

Nunca, nunca mais vencerá eleição alguma. A massa eleitoral repelle-o e a urna ha-de-lhe demonstrar que é inutil andar a cansar os eleitores.

A derrota do sr. Aralla está prevista de ha muito; mas essa derrota será tão significativa que lhe ha-de trazer uma desillusão completa, se é que ainda está illudido.

## Novidades

**Missa nova**—Por um descuido imperdoavel deixou, já depois de composta, de ser publicada em o numero passado a noticia em que diziamos ter rezado a sua missa nova em Ermezinde o nosso sympathico amigo padre José Maria Maia de Resende.

O nosso amigo, que até hoje tem constantemente sido victima de innumerados intrigantes, que o procuravam malquistar com o prelado da diocese, chegou alfim á conclusão dos seus trabalhos: e nós tivemos já o prazer de o abraçar em sua casa de Cimo de Villa.

Mil parabens ao jovem sacerdote e á sua boa familia.

**Cabo Julio**—Tambem pela mesma razão deixou de ser publicada a noticia referente ao cabo Julio.

Em virtude do processo que o sr. administrador d'este concelho lhe levantou foi o cabo Julio condemnado disciplinadamente a baixa de posto e a dez dias de prisão.

O cabo Julio veio ainda agradecer ao sr. administrador o ter desistido de parte das accusações, afim d'elle não ser expulso do corpo de policia—se são inteiramente verdadeiras as informações que nos deram.

Terminou, pois, a aprazimento das partes esta questão, que por abili levantou uma poeirada medonha, sem razão para tanto.

Nós, desde o principio, sempre estivemos convencidos de que a razão estava toda do lado do sr. administrador do concelho; por isso appoiamos, como appoiamos, todos os que teem razão.

**A cacete.**—Propala-se por parte dos aralistas e agora torna a entrar em scena o sr. secretario da administração, que as eleições irão á valentona, a cacete com a tropa a guardar as costas. Mais se afirma que breve começarão as desordens promovidas pelos aralistas—imitação completa das primeiras dos progressistas.

Brrr!  
Ora historias! Então nós estamos de braços cruzados para lhes aceitar essas cacetadas?

Querem? pois principiem e nós veremos como as coisas se resolvem.

Nem antes nem durante a eleição lhes toleraremos a menor desordem.

Pelo mesmo caso que se faz a pergunta, pelo mesmo que se dará a resposta. Provocar é coisa que não sabemos, nem queremos, Mas havemos de nos defender como podermos.

Mas para que é que hão de andar sempre com essas farroncas, que não mettem medo a ninguém!

Ou se conservem pacatos e socegados, ou o caldo entorna-se. Já lh'o dissemos uma vez, para não o andarmos a repetir todos os dias.

Se tem elementos para a lucta, apresentem-os. Ninguem lhes impedem que peçam, que trabalhem, que façam favores na administração do concelho. Mas cacete, não. Nem cacete nem ameaças. Se entrarem n'esse campo arrependem-se, mas de veras.

Fiquem tambem entendendo que não nos havemos de defender do povo que entrar n'isso. O povo, quer d'um quer d'outro lado, nada tem com as desordens. Como são os *cabecas*, os commandantes que tem a exclusiva responsabilidade, com elles só nos havemos de ver.

Como o direito de defeza é o mais sagrado entre todos, não o despresaremos um momento sequer.

Ahi está como entendemos a questão, e n'estes termos ella tem de se liquidar.

Tambem por ahi os aralistas nos ameaçam com prisões a torto e a direito.

Não se fazem assim prisões por dá cá aquella palha. Isso é negocio um pouco sério.

Se até hoje nenhum partido tem usado de semelhante expediente é porque elle tem seus riscos.

As prisões não se engendram assim de pé para a mão. E se se engendrarem tambem ha recursos.....

Portanto deixem-se de fazer de *papões*. Na presente epocha já ninguem tem susto dos *côcas*. Isso é bom para as creancitas. E mesmo estas se descobrem o que os *côcas* são, começam logo a rir-se d'elles.

**Pesca.**—Heuve pesca regularmente abundante até quinta-feira á tarde, embora os langos fossem muito desiguaes.

Já na quinta-feira á tarde embraveceu, apartando a rede do sr. Manoel José Ferreira Coelho e ficando dentro o sacco, que, na sexta-feira de manhã foi arrojado á praia, não havendo portanto grande prejuizo para a companhia.

**E a teimar.**—O sr. Aralla mettu-se em andanças por lhe

dizermos que não sahia ás freguezias. Por isso na segunda-feira tocou para Vallega.

Mandou n'aquella freguezia reunir todo o seu povo para espanto das gentes e gaudio do rapazio. Escoltado pelo sr. administrador do concelho e esperado pelos dois regedores interinos da freguezia, mal se apeou do carro, dirigiu-se para junto do cemiterio, onde reuniu á volta de si 37 eleitores.

A pronunciada escolha do sr. Aralla e do seu grupo para junto dos cemiterios parochiaes é bastante significativa.

O sr. Aralla não fallou ás tropas arrebanhadas pelos seus *influentes* sabe Deus com que custo tambem pouco mais de meia hora se demorou, porque ao seu lado se reuniram os progressistas da freguezia em bom maior numero; e o sr. Aralla, embora escoltado pelas auctoridades não se sente bem ao pé de tal gente. Deu volta ao adro da igreja, sahindo por uma porta opposta aquella que os progressistas occupavam, e mandou tocar para a villa.

Ora o sr. Aralla não se convence de que quando apparece em Vallega não é senão para mostrar que não tem ali influencia alguma? O melhor será deixar-se d'essas *façanhas*, que só servem para mostrar a sua nenhuma força, a sua derrota certissima.

Olhe que já é mostrar força reunir 37 homens n'uma freguezia que conta 900 eleitores!

**A distribuição dos palheiros.**—A camara continúa na sua renitencia de não entregar os logares aos donos dos palheiros queimados pelo ultimo incendio.

Aos nossos mercanteis está fazendo grande prejuizo essa demora, e a camara muito bem o conhece.

Comtudo fez a camara já uma excepção, que se torna de veras odiosa.

Os mercanteis não constroem, mas já a camara deu licença a um pescador—o Bebe-agua—para levantar o seu palheiro unicamente destinado a recolher escasos. De forma que ha licença para no centro da praia se estabelecer um fóco de infeção e, para se constroem bons palheiros, nada!

Nada justifica a medida camararia, e não ser para ter dependentes de si no acto eleitoral os proprietarios acenando-lhes com bons logares.

Pelo geito que vamos vendo todas as camaras concorrem ás mil maravilhas para dar cabo do Furadouro. O sr. Aralla principiou, estes continuam.

Pois a nossa praia era bem digna de melhor sorte.

**Incommodo.**—Consta-nos que tem estado bastante incommodado no Porto, o sr. Eduardo Elycio Ferraz d'Abreu.

Estimamos as suas melhoras.

## La-Sallete em Oliveira

Como tive occasião de, mais uma vez, admirar uma das festas de maior concorrencia que actualmente se fazem n'esta redonde-

za, não pude deixar de publicar ainda que, d'um modo vago, as minhas impressões.

S. Paio, Senhora da Saude, Senhor da Pedra, Senhora da Ajuda, romarias outrora d'uma concorrencia extraordinaria, estão hoje n'uma decadencia clarissima. Só La-Sallete, em Oliveira, está sendo, de anno para anno, mais concorrida e festejada. Desaterremos um formigueiro e teremos Oliveira por occasião de esta festa, em miniatura, relativamente á concorrencia. Os festejos de *La Sallete*, este anno fizeram-me lembrar os da Rainha Santa, que, por mais d'uma vez tenho admirado em Coimbra;—se não os excedeu, equiparou-os.

Cheguei domingo a Oliveira, quando as ruas da villa, golpavam continuamente turbilhões de pessoas que se cruzavam no meio d'uma vozeria infernal.

A capella estava ornamentada com um luxo extraordinario, mas dentro dos limites do bom gosto.

Ao meio dia em ponto começou a missa; e á uma hora teve lugar o sermão pregado pelo reverendo Alves Mendes, cuja fama revoa por longe.

Quando desaparecia o sol, começou a procissão a sahir com destino á Montanha, sempre na melhor ordem, devida certamente aos grandes esforços do Ex.<sup>mo</sup> Sr. dr. Arthur da Costa que da nossa parte o admiramos e elogiamos.

O Ex.<sup>mo</sup> Sr. Bernardo da Costa Bastos, apesar dos incomodos que tem soffrido, não deixou de, mais este anno, dirigir o andar;—tal é o gosto que este prestantissimo cavalheiro, tem de sempre satisfazer aos seus amigos.

A montanha, ao chegar da procissão, estava coberta por cerca de sete mil pessoas que se acotovelvavam aqui e acolá;—vista de longe assemelhava-se a um acampamento com as suas tendas ambulantes.

Recollida a procissão, as tres musicas, entre as quaes estava a regimental do 18, subiram aos coretos, onde tocaram até ás tres da manhã.

Por toda a parte se formaram danças populares, que levantavam nuvens de pó.

A iluminação era admiravel; e o fogo, quer preso, quer do ar foi abundantissimo.

Eram sete horas da manhã e os foguetes ainda estralejavam; a massa do povo cedendo ao peso do somno, tinha-se estendido pelas faldas da montanha, dando-lhe o aspecto d'um logar onde se tivesse ferido uma batalha. E por ventura não será o somno a imagem da morte, como em outros tempos, disse um escriptor nosso?

João Varino.

## Litteratura

### O CEGO

(Continuado do n.º 273)

II

Mas um cão, que lhe servia de guia, segurava com os dentes

a moela e deunha-a na engelhada mão do mendigo.

—Aquelle ainda tinha um cão e eu, pobre de mim!... nem esse fiel companheiro... Um cão que ao lambem-me as mãos, me lembrasse de que até para os cegos ha affagos e delicacões.

Nunca mais veria a levada, a levada a deslisar por entre as hortas, emolduradas de vallados de piteira; nunca mais veria apascentar o rebanho de ovelhas na verdura avelludada, como persico tapete, da encosta do monte da sua aldeola, nem no velho adro, onde ao domingo, encostado ao musgoso tronco do secular carvalho—verdeante alpendre da igreja—dava os bons dias ás joias moçoilas que, ao sairem da missa com as suas roupas de verem a Deus, pareciam mesmo uns palmitos. E não mais tornar a oihar o sol creador, o sol que illumina os campos, o sol que no fim de noite horrida de temporal desfeito, vem dizer ao marinheiro desalentado: «Animo! a natureza vive ainda!»

Pobre rapaz! Esbelto e atractivo, sabia n'um meigo olhar conquistar o sorriso que a donzella enamorada desprende dos labios como se fosse flôr que fugisse d'elles para a lapella do nosso coração. E não mais ver esse cumulo de perfectibilidade idealista, a pelle setinosa da mulher, branca como o lyrio!

Era uma dôr de alma vel-o e cortava o coração ouvil-a. O pensamento humano que se ergue, como um momento, derrocava-se medonhamente no cerebro do mal aventurado. Ou um milagre o reedificaria, ou o seu espirito se condemnaria ás trevas de seus olhos. Torcendo as mãos no vago philitravavam-se-lhe dos labios os seus, ora melancolicos, ora ardentes e mal coordenados pensamentos.

—Hoje o que me resta? Um asylo? Esmolar o pão aos que passam e que não vêem; sendo eu o cego e elles os que tem vista?! Nunca! Antes uma parede, onde parta este maldito craneo! Oh! indifinido! oh! impalpavel! que me arrancaste, cruelmente, uma por uma, as petalas douradas da minha mocidade! Mocidade deserta de alegrias, bem o sei; mas mocidade em todo o caso! Não!... Morreu minha mãe... depois, morreram, a pouco e pouco, as minhas affeições! Depois... agora me recordo. E eu já era cego... Já era?... Ah! Sinto um turbilhão de idéas que me queimam como brazas! Devido até... digam-me, digam-me depressa, sou um louco ou sou um cego?! Que desespero! E o cão, sim, o cão?!

E, como um sonho longinquo, a phantazia voava lhe até o ancião pobresinho, cego tambem, que tinha um animal dedicado para o acompanhar. Foi n'este momento, que o infeliz deu pela sua febril mão, apertada entre duas macias e estreitas mãos-nhas; e foi então que ouviu uma voz muito de mansinho, quasi ao ouvido, christallina e musical, dizer estas duas doces e tristes palavras:

—Pobre rapaz!

Ficou, por algum tempo, silencioso, como querendo prescrutar a realidade.

—Ah!—gritou emfim—perdoá-me Deus misericordioso! Os meus olhos não morreram! Se

morressem não choravam... e elles! estão alagados em pranto!

(Conclusão)

Rangel de Lima Junior.

## BEATRIZ

Beatriz era uma creatura de cabellos de ouro e olhos cor de céo, de faces de rosa e fronte de neve, e que realmente parecia um cherubim esquecido na terra a sonhar gosos de outra vida.

Nunca nem sequer um simples raio de amor profanara o santuario da sua alma.

Ignorava as delicias ou as amarguras de similhante sentimento.

Vivia com uma mulher que a educara desde a infancia, ignorando o mysterio do seu nascimento, symbolisando em uma pequenina medalha que lhe pendia ao seio, não sabendo nem conhecendo quem lhe dera a vida—segredo inviolavel para a sua educadora.

Nada havia que perturbasse a tranquillidade das duas, ou que nublasse a sua harmonia. A habitação d'esses dois entes privilegiados, embora singelo e modesto, parecia um ninho de fadas.

Mas a ventura não é infundavel, e n'um instante se esvae como a poeira impelida pelo vento, obedeendo ao preconceito—tudo o que nasce morre.

Um homem, até então para ellas desconhecido, fixou a residencia na casa fronteira á sua.

Não fruiu o viço da mocidade, mas tambem não a debilidade da velhice.

Viu uma vez Beatriz através dos vidros da sua janella, e senzitiu-se de repente apaixonado por ella, que desde logo se constituiu a visão dos seus sonhos, o alento do seu espirito, o thema da sua imaginação e o unico objecto dos seus cuidados.

E quem não amará um anjo candido, meigo e innocente?

Beatriz tambem o não odiava mas conhecera o credor de sympathia.

Mau pronuncio esse para a donzella que desconhece os dissabores da vida.

Da simples sympathia á verdadeira paixão dista apenas um passo de creança.

(Continua).

## NOTÍCIAS DO PORTO

Porto, 18 de Agosto de 1892

*Reforma administrativa.*

Tem aqui causado grande sensação, por parte dos jornaes opposicionistas, a ultima reforma administrativa, elaborada pelo ministerio do sr. José Dias Ferreira.

*Manifesto.*—Consta-nos que foi distribuido um novo manifesto republicano radical, que era encerrado por grande numero de assignaturas.

*Gil Vicente.*—Prepara-se, segundo nos dizem, para o proximo dia 28, um espectáculo no Palacio de Cristal, desempenhado por amadores conhecidos das nossas plateias, que representarão a comedia-drama em 3 actos *Os Ambiciosos*.

**Demissão.**—O snr. Barão de Massarellos deixou de fazer parte da Associação Commercial do Porto, na qualidade de presidente, cargo este que ha muitos annos exercia.

**Festas e romarias.**—Cheios de festas os dois ultimos dias santificados: na Serra do Pilar, com o esplendor dos demais annos, celebrou-se a festividade á Padroeira N. S. da Gloria com missa, exposição do SS. e sermão. O costume arraial no extenso Campo das Manobras, foi extraordinariamente concorrido, por povo da cidade e das proximidades vizinhas. Estivemos ali de manhã e o calor era tropical, ardente, mormente nos pontos mais elevados da Serra. Desordens, não nos consta que houvessem dignas de registrar-se.

—Resou-se ali de manhã a missa annual, mandada celebrar pelo corpo de bombeiros municipaes de Gaya, commemorando assim o pasamento do vereador do pelouro dos incendios de Gaya, barão do Corvo. Foi celebrante o rev. Sebastião Leite de Vasconcellos.

Assistiram ao religioso acto: os bombeiros de Gaya, sob a direcção do seu commandante o sr. Eduardo da Costa Santos e a respectiva banda de musica, uma companhia do corpo de salvação publica do Porto e a officina de S. José, acompanhada da sua banda musical. Durante a celebração da missa, no côro tocou a banda de Gaya, e a da officina de S. José.

—O rendimento na ponte de D. Luiz, nos dois dias sanctificados foi de 371\$260 reis. Somma regular confrontada com a dos annos anteriores em iguaes dias.

**Kermesse.**—Tem obtido um bello resultado a kermesse, promovida no jardim da Cordoaria, pela Federação das Associações, como por varias vezes nos temos referido. O publico tem dispensado a sua protecção e auxilio do sympathico fim a que o producto se destina—socorrer os operarios.

A corporação dos Bombeiros Voluntarios, desde domingo ultimo que tem estado em festa. Digo em festa, pois que a briosa associação, abalançou-se a promover uns bazares, cujo resultado reverte em favor do seu cofre, e todo o Porto tem concorrido para a nobre idea, já dispensando prendas valiosas, já na compra de bilhetes. O resultado não podia desejar mais excellente.

O pateo do Paraizo, onde está estabelecida a casa da associação, apresenta um aspecto verdadeiramente festivo. A fachada do edificio é illuminada todas as noites a gaz, destacando-se ao centro as armas portuguezas encimadas por tres caracteres B. V. P.

A entrada, lado esquerdo, está estabelecida a extensa barraca das prendas, d'um gosto apuradamente disposto pelo conhecido armador snr. José Ribeiro de Freitas, que generosamente cedeu a decoração.

Ao centro ergue-se um côroto, onde alternadamente teem tocado as bandas da Officina de S. José, guarda municipal e bombeiros voluntarios.

O pateo é illuminado a luz electrica, sendo a entrada franca. Aguardam a porta alguns mastros ornados de galhardetes.

A guarda de honra é feita por um piquete do corpo de segurança publica.

**Regresso.**—Chegou ao Porto, vindo da capital, o snr. conselheiro José Augusto Corrêa de Barros, acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> esposa.

**Passamento**—Victimado por uma lesão cardiaca, de que ha muito soffria, falleceu o sr. A. G. Vieira Paiva, editor do «Almanach do Porto» e proprietario da livraria *Archivo Juridico*. Os responsos de sepultura foram muito concorridos, por parte dos seus numerosos amigos, que foram a Agramonte, prestar-lhe as derradeiras homenagens. Vieira Paiva era um trabalhador incansavel.

**Touros.**—Está annunciada para o proximo domingo, uma brilhante corrida á antiga portueza, promovida pelo sympathico ex-sargento Pinto, que em tempo fez parte da guarnição da guarda municipal.

Pinto o distincto *sportman*, gosa de geraes sympathias dispensadas pelo nosso publico.

—Está fazendo um calor fortissimo, á hora que lhes escrevo e por isso tenho dito.

J. J. O.

CHRONICA

De braço dado, como convém a dous rapazes sem pretensões, ahí vamos os dois—Arauto e eu—fazer esta chronica, que ha-de sahir coisa de truz.

Não importa que cada um puche a braza para a sua sardinha, que cante idyllos a *duó*. Ora adeus; a chronica, com a elasticidade que desde o principio lhe deram, permite estas lérias. Nem mesmo temos vontade de nos empurrar um ao outro. E' largo o espaço para que duas imaginações corram á vontade.

E' no Furadouro, em casa do meu amigo o ex.<sup>mo</sup> sr. padre Francisco Baptista que estou escrevendo.

Acabo de ver, examinar a fundo as cinzas já tão arrefecidas d'um incendio que destruiu a parte mais velha e retrograda d'esta praia.

As ruas apertadissimas e sem linha, desapareceram para dar lugar a outras mais higienicas e civilizadas se a camara tiver o cuidado de vigiar por isso. Jerusalem sahiu mais formosa das cinzas d'um incendio, Lisboa mais alinhada das ruínas d'um terramoto; portanto aproveitando-nos do acaso do fogo, remocemos a nossa praia a par do desenvolvimento da civilização e deixemos de acanhamentos.

E' certo que com agnas passadas não moem os moinhos; porém eu não deixo de reconstruir a cada passo, no meu pensamento a festa de Oliveira.

A par de innumeraveis rostos sympathicos, encontrei o da minha G. que é um typo de mulher que eu continuadamente romantizo;—é o verdadeiro typo do Norte: cabello louro, olhos azues corpo franzino e porte ativo.

E' d'um individuo ficar pelo beijo como o urso pela tromba.

Agora querem sem duvida a noticia da festa de Vallega, visto que eu lh'a prometti.

Pois sinto dizer-lhes que não póde ser. Sim; eu não posso dizer-vos nada da festa da Virgem de Lourdes, porque não fui lá.

Ainda pedi a um amigo que lá foi para me dar alguns esclarecimentos, com que podesse satisfazer-vos a curiosidade, mas elle disse-me:—Não valeu a pena ir lá; sempre a mesma coisa, *para variar*.

Nada me mereceu as honras d'um bocado d'atenção. Tu já sabes como são as festas de Vallega. Esenso dizer-te mais nada.

Adeus. E *raspou-se*.

Mas não tinha razão, segundo o ouvi depois.

Não se impacientem, leitoras; em compensação vou dar algumas notas, (sem ser do banco) colhidas de relance e escriptas sobre o Joelho, da festa de N. S. da Saude, que teve logar no dia 15 na rua do Outeiro.

A festa constou de missa solemne a grande instrumental pela orchestra do sr. Antonio Maria Valerio e ao Evangelho subiu ao pulpito o reverendo Manoel Roiz de Figueiredo, que, sendo a primeira vez que levantava a sua voz na Tribuna Sagrada em Ovar, pronunciou um eloquente discurso, que nos agradou sobremaneira.

De tarde houve musica e foguetorio, prolongando-se até á meia noite, havendo tambem illuminação. A musica tocou sempre peças escolhidas, que agradaram muito pela sua boa execução e harmonia.

Não faltaram as danças e os *desafios* na rua e n'algumas casas proximas, bem como algumas *ópas*.

O que alli mais se fazia sentir era o calor, que brazava.

Quanto ao mais, foi uma tarde e um bocado de noite que se passaram maravilhosamente ouvindo os melodiosos sons de musica, que teem o poder de arrebatarmos-me.

Só lá faltou uma coisa: a minha A.

Se ella lá fosse, a alegria seria completa.

João Varino e Luiz Arauto

CORRESPONDENCIA

Vallega 18 de Agosto de 1892

Leitores, aqui me tendes outra vez a occupar as columnas d'este jornal e a incomodar o pobre typographo encarregado de corrigir qualquer erro.

D'esta vez quasi que não tinha assumpto sobre que escrever se não houvesse cá na freguezia duas festividades, que me deram assumpto para despertar a atenção dos leitores por alguns minutos. Como todos vós sabeis, como pintor não tenho pinceis, nem tintas para frizar bem na memoria dos leitores as tragedias que mais impressionam a vista n'esta freguezia. Como escriptor faltam-me os termos proprios que me seriam necessarios para vos apresentar as referidas tragedias.

Mas com estas palavras singelas despojadas de todos os vocabularios e mesmo sem figuras

de rethorica sem o bello estylo que teem esses escriptores celebres, que por mais d'uma vez honraram e tem honrado a nossa litteratura patria. Não deixarei de dizer aos leitores, ainda que por alto, o que se passou d'importante n'estas duas festividades e principalmente na ultima.

Dizer-vos que a festa de Nossa Senhora de Lourdes não esteve concorrida seria um absurdo porque todos sabem que esteve concorridissima.

Esperavamos isso quer attendendo á ornamentação da igreja devido tudo á iniciativa do rev. Francisco Alves de Rezende, que tem sido incansavel para que a festa em honra de Nossa Senhora fosse uma das principaes d'esta freguezia, quer attendendo aos dotes do orador que soube captar bem a affeição de todos.

—Na segunda-feira teve lugar a festividade de Nossa Senhora do Amparo, padroeira d'esta nossa freguezia. Houve de manhã missa solemne a grande instrumental pela já bem conhecida philarmónica «Boa-União», que agradou muito. Ao Evangelho subiu ao pulpito o rev. Joaquim Domingues da Silva, que mostrou bem os seus dotes oratorios. Em seguida á missa sahiu a procissão com a devida pompa, que percorreu o itinerario costumado. De tarde houve arraial disputando-se as duas philarmónicas Boa-União e S. João da Madeira, havendo grande foguetorio.

Mas, leitores, ouvir as musicas isso não era o sufficiente; isso não era uma sombra do que havia de succeder.

Quando a nossa gente estava a admirar os escolhidos trechos d'uma e outra musica—eis que uma cabeça desperta a atenção d'esta gente tão espavorida. Parada a cabeça eis que desce uma figura esquelética de grandes bigodeiras. Repentinamente volve-a junto ao adro da parochial igreja e em seguida dirigir-se ao cemiterio. Essa figura, já carcomida, vinha de Matto-grosso, acompanhada por um joven, seu fiel servidor. Estes dois personagens vieram-se mostrar aos seus poucos amigos.

Quando os vimos juntos do cemiterio pensavamos que suas ex.<sup>as</sup> iriam orar pelas cinzas dos seus amigos ou sepultar esse resto que os seguiam. Mas não, suas ex.<sup>as</sup> foram reanimar os seus. Foram procurar o sitio onde repousam os restos d'esses amigos que elles contavam no numero dos vivos, dizendo-lhes talvez que elles tinham morrido, mas que seus nomes se achavam gravados nas paginas brilhantes da Historia.

Pobres diabos! Morreram, e esse resto que ainda trilha este torrão abençoado, não durará muito, porque a idade avançada e o pezo dos votos facilmente os prostrará em breve por terra. Mas de que vale suas ex.<sup>as</sup> andarem a reanimar os seus se em breve ver-se-hão mais tristonhos do que elles? Lastimamos e lastimamos deveras o virem a Vallega, receber tantas desillusões!

Como é triste tudo isto, meus caros! Quem te viu e quem te vê!... Ha tempo! tempo que vaes e não voltas! a dias felizes, dias felizes!

Fico hoje por aqui meus caros. Saude e venturas muitas.

Até á outra.

Zás-tráz.

Annuncios

AGRADECIMENTO

Thereza de Jesus Tavares, Anna d'Oliveira Luzes e Bernardo Maria dos Reis (ausente), agradecem penhoradissimos a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de sua muito chorada sogra e mãe protestando a todos o seu eterno reconhecimento.

E mais ainda agradecem á philarmónica Boa União que gratuitamente acompanhou até á sepultura a finada com o seu bello côro de vozes que tanto abrilhantou aquelle acto.

Ovar, 11 de agosto de 1892.

NOVA LOJA

Caetano da Cunha Tarraça participa ao publico que desde terça-feira, 16 do corrente em deante, tem biscoitos de Vallongo e pão fino á venda na sua loja, e espera dos seus amigos as suas encomendas.

Rua da Praça

OVAR

PRAIA DO FURADOURO

(OVAR)

HOTEL DO FURADOURO

Este acreditado hotel abriu no dia 8 d'agosto. Exoellente tratamento, commodidade, accio. Preços 600, 800, 900, 1\$000 e 1\$200 reis; familias, preço convencional. Cozinha á portugueza por pessoal habilitadissimo.

Banhos quentes e frios d'agua salgada.

Café e bilhares, completo sortido de bebidas nacionaes e estrangeiras.

O proprietario,  
Silva Cerveira.

(Ha carros a todos os comboios, na estação d'Ovar.)

CARNES VERDES

Manoel da Silva Borges, da rua das Ribas, faz saber ao respeitavel publico que se estabeleceu em sua casa, assim como na Praça d'esta villa, vendendo carne de gado suino.

Espera a concorrência dos seus illustres freguezes e garante ter á venda a melhor carne com todo o esmero e limpeza.

Tanto na sua casa como na Praça encontrarão tudo o que pertence ao seu ramo de negocio: carne velha para adubo, unto, pingue, carnes frescas, presuntos, lombo fresco, etc.

OVAR

LÉON TAXIL

## OS MYSTERIOS

DA

## FRANC-MACONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO

P.<sup>o</sup> FRANCISCO CORREIA PORTOCARREIROCom uma dedicatória  
do auctor a sua magestade

## A RAINHA D. AMÉLIA

Com autoriseção do em.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr.

CARDEAL D. AMÉRICO

BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve  
de S. Santidade Leão XIII, animando-o,  
e abençoando-o, e que foi louvado  
pelos ex.<sup>mos</sup> e rev.<sup>mos</sup> srs.Arcebispo de Paris, Arcebispo  
de Rennes, Bispo de Montpel-  
lier, Bispo de Coutances, Bispo  
de Sees, Arcebispo de Gran, Ar-  
cebispo de Turim, Bispo de Sois-  
sons, Arcebispo de Colocza, Ar-  
cebispo de Auch, Arcebispo de  
Napoles, Bispo de Rodez, Bispo  
de Bayeux, Arcebispo de Cham-  
bery, Bispo de Bannes, Bispo de  
Marselha, Arcebispo d'Aix.A obra constará de dous vo-  
lumes distribuida em fasciculos  
de 32 paginas de texto com qua-  
tro ou mais gravuras. Preço de  
cada fasciculo 100 reis, pagos no  
acto da entrega; para as provin-  
cias é franco de porte. Os assi-  
gnantes da provincia pagarão de  
cinco em cinco fasciculos, enviando-  
se-lhes n'essa occasião o com-  
petente recibo. Concluida a pu-  
blicação será elevado o preço.Distribuir-se-hão tres fascicu-  
los por mez. Todas as pessoas  
que angariarem dez assignaturas  
e se responsabilisarem pelo seu  
pagamento, receberão um exem-  
plar gratis.Aceitam-se correspondentes  
nas terras onde os não ha; a  
comissão é de 20 p. c., garan-  
tindo mais de cinco assignaturas.Assigna-se em todas as livra-  
rias do reino e em casa do edi-  
tor Antonio Dourado, rua dos  
Martyres da Liberdade, 113—  
Porto, a quem deve ser dirigida  
toda a correspondência.

## BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 450 PAGINAS

Os romances, mesmo os maio-  
res, nunca excederão o preço de  
400 ou 500 reis, como por exem-  
plo o celebre romance OS MYST-  
TERIOS DE PARIS, (5 volu-  
mês) que nos propomos publicar  
mais tarde, e que apenas custará  
CINCO TOSTOES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

## UM TIRO DE REWOLVER

POR

JULIO MARY

A este seguir-se-hão—O Cas-  
tello da Raiva de L. Stapleau—  
Um drama de revolução de Er-  
nesto Daudet Mont Oriot, de  
Guy de Maupassant.—O grande  
industrial e Sergio Panine de  
George Ohnet.—Clotilde de Al-  
phonse Karr.—Sapho de A. Dau-  
det.

## CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume  
pago no acto da entrega 100  
réis.Provincias, ilhas e ultramar,  
cada volume, franco de porte  
120 réis. Pagamento adiantado.Assigna-se em Lisboa no es-  
criptorio da Empreza da BI-  
BLIOTECA ECONOMICA, T.  
da Queimada, 35.

## REPORTORIO SYNOPTICO

DA

LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

POR

J. GARCIA DE LIMA

Cada fasciculo em formato  
grande, bom typo e bom papel  
100 réis; pelo correio 105 réis.  
Requisições á Empreza Editora  
—LETRAS E LEIS.A cobrança é feita por séries  
de seis fasciculos.—Beco da Amo-  
reira, 9, 3.<sup>o</sup>No prélo:—Dicionario de Ju-  
risprudencia e Legislação Portu-  
gueza. Preço do fasciculo 100 réis;  
pelo correio 105 réis, pedidos á  
empreza editora—LETRAS E  
LEIS.

## OS BURROS

OU

O REINADO DA SANDICE

Poema heroica-comico, satyrico,  
em seis cantos, reproduzido  
in-extenso com todas as liber-  
dades do original.

Preço, br. . . . 300 réis.

Pelo correio franco de porte  
quem enviar a sua importancia em  
estampilhas ou vale do correio.A' Livraria—Cruz Coutinho  
—Editora. Rua dos Caldeireiros,  
18 e 20—Porto.

## AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.<sup>a</sup>  
26, Rua do Marechal Saldanha  
26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

OS

## Bompanheiros do punhal

PR

L. STPLEAUX

Romance dramatico da maior sensação  
ILLUSTRADOPor semana uma caderneta ao  
preço de 60 reis.Publicada a 1.<sup>a</sup> caderneta e  
á venda n'esta localidade e nos  
escriptorios da Empreza editora,  
1, rua de D. Pedro V, 3 e 5,  
Lisboa, onde se dirigirão os pe-  
didos.

## O BARATEIRO

## LOJA DE FAZEDNAS

DE

ARNALDO A. DA SILVA MOURA

## PRAÇA D'OVAR

Faz lembrar a todos os seus  
amigos e freguezes, bem como ao  
respeitavel publico, qua tem no  
seu estabelecimento um lindo e  
variado sortimento de fazendas  
de todas as qualidades, das quaes  
menciona:Flanellas d'algodão, cheviotes  
pannos familias e domesticos, chi-  
tas pretas, brancas e de côr, ris-  
cados, zephiros, lenços de varias  
qualidades, chailes pretos e de  
côr, nacionaes e estrangeiros, me-  
rinos de pura lã, castorinas as  
mais modernas, picotilhos, case-  
miras pretas e de côr tanto naci-  
onaes como estrangeiras, camiso-  
las de malha de lã e de algodão  
tanto para homem como para sen-  
hora, botões de phantasia pretos  
e de côr, guarnições de seda e lã,  
bem como muitos outros objectos  
existentes na sua loja, que é im-  
possivel annunciar.Tambem faz publico que no  
seu estabelecimento vende fato fei-  
to, tanto para homem como para  
creanças, comprehendendo calça,  
collete e casaco de varias quali-  
dades e boa casemira, bem como  
se encarrega de qualquer peça  
d'obra que lhe encommendem.Vende tudo por preços sem  
competidor. Portanto meus ami-  
gos e freguezes, é aproveitar  
antes que venham os nossos direi-  
tos d'Alfandega porque depois  
tudo sobe.

## A ESTACÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS  
PARA AS FAMILIASPublicou-se o n.<sup>o</sup>  
de 1 de JulhoPreços: 1 anno réis  
4\$000—6 mezes 2\$100  
rs.—Numero av Iso rs.  
200.LIVRARIA CHARDRON, LU-  
GAN & GENELOUX, SUC-  
CESSORES—PORTO.

MAUXICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA  
ARTES E OFFICIOSVariadas e curiosas recei-  
tas e processos de physica e  
chimica pratica sobre artes,  
Economia domestica, Photo-  
graphia, etc.

## BECREACÕES SCIENTIFICAS

Surprehendentes sortes e  
experiencias, Cryptographia,  
metodos para corresponden-  
cias secretas, 27 gravuras ex-  
plicativas.A' venda em todas as li-  
vrrarias.

Preço. . . . 400 réis

« . . . . 420 «

Deposito—Livraria Portu-  
gueza, Loyos, 56—Porto.Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco,  
Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros  
portos do BrazilVendem-se passagens a preços **muito reduzidos** pa-  
ra todos aquellos portos dos Estados Unidos do Brazil.Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos  
acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulhe-  
res e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compro-  
missos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer  
trabalho e residirem onde quizer.Vendem-se tambem a preços commodos passagens para  
os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Orien-  
tal.Preparam-se todos os documentos necessarios e aprom-  
ptam-se gratuitamente.Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assigna-  
dos. agentes das companhias se lhes dirijam para obter  
qualquer passagem.Os agentes em Ovar,  
Antonio da Silva Nataria  
Antonio Ferreira Marcellino.

## Africa Portugueza

CARREIRA DE MAGNIFICOS PAQUETES DE  
COMPANHIAS PORTUGUEZAS PARA A AFRICA  
OCCIDENTAL E ORIENTALPreços resumidos muito inferiores ás tabellas das ou-  
tras agencias: para S. Thomé 34\$000 reis; Ambriz e Loanda  
38\$000 reis; Benguella 142\$000 reis; Mossamedes 46\$000 reis.

## BRAZIL

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Rio  
Grande do Sul, e mais portos, e pelos paquetes das Compa-  
nhias Mala Real Portugueza, Mèssageries Maritimes, Mala  
Imperial Allemã, Pacifico e Chargéurs Reunis, vende-se pas-  
sagens por preços muito reduzidos. Preço minimo em 3.<sup>a</sup>  
classe 27\$000 reis.Pelos paquetes das mesmas Companhias, tambem se  
concedem passagens GRATUITAS a familias de artistas, tra-  
balhadores e lavradores; homens com mulher e filhos, netos  
ou enteados, mulher casada, com seus filhos ou netos, pae  
com um ou mais filhos ou netos, avó ou avó com seus des-  
cendentes, homens casados ou solteiros e mulheres casadas  
ou solteiras, com tanto que sejam validos e queiram ir em-  
pregar-se LIVREMENTE, nos trabalhos que mais lhes con-  
venha, em diferentes provincias do BRAZIL, os quaes tem  
á sua chegada ao Rio de Janeiro, hospedagem GRATIS du-  
rante 8 dias, e transporte tambem GRATIS para qualquer  
terra para onde perfiram ir viver.Passagens em todas as condições e negocio tratado  
com seriedade.Para esclarecimentos e contracto, dirigir unicamente em  
—Ovar, Antonio Conceição, praça e rua dos Campos e em  
Aveiro, Manoel J. Soares dos Reis, rua dos Mercadores, 23

## A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição  
correcta e augmentada pelo  
auctorSairá em cadernetas semanaes  
de 4 folhas e estampa 50 réis.EDITORES BELEM & C.<sup>a</sup>

## ELEMENTOS

DE

## GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Major de Infantaria

e ex-professor do Lyceu Central do

Porto

—

PORTO

Magalhães &amp; Moniz—Dditores

## CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS  
E CREANÇAS

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmento

e

Amelia de Moraes Sarmento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tarde  
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

759, RUA DO ALMADA, 759,

PORTO